

## DIREITO À INFORMAÇÃO

1965

Nº 4

PORTUGAL, VERDADEIRA IGREJA DO SILENCIO

A posição tomada recentemente pelo Governo, e de uma forma abusiva em nome do próprio povo português, veio tornar mais evidente, nos seus dolorosos desenvolvimentos, uma situação que na realidade existe há muito: A IGREJA, EM PORTUGAL, NÃO É LIVRE.

Na verdade, de par com um proteccionismo aparatoso em matéria de manifestações exteriores (missas campais, procissões, inaugurações, bênçãos e tantas outras cerimónias oficiais) - que se pretendem como provas da liberdade da Igreja - verifica-se, de quando em quando, que ela lhe é vedada, quando a Igreja toma ou pretende tomar atitudes (com implicações no plano político ou social) que derivam da sua própria missão, mas que podem deixar subentender que esta missão não coincide precisamente com a linha governamental.

Tem sido assim com a censura ocasional a certos discursos ou pastorais de Bispos, com a supressão de jornais católicos (não podemos esquecer o valioso semanário O TRABALHADOR, dirigido pelo padre Abel Varsim), com a abusiva ingerência em congressos da Acção Católica ou a sua proibição, com a expulsão do Bispo do Porto, com as restrições postas à divulgação e comentário público da encíclica PACEM IN TERRIS, para só citar aqueles que, pela sua recumbente prepotência, acabaram por chegar ao grande público.

Mas o que há de mais grave e de mais doloroso neste regime de opressão é que ela não age apenas do exterior através dos instrumentos clássicos da Censura ou da Polícia:

MANIFESTA-SE DENUNDA DA VERDADEIRA IGREJA.

Foi assim que os fiéis mais conscientes da dimensão universal da Igreja viveram amarguradamente os dias da viagem de Paulo VI a Louvain, numa situação que nem a Polónia conhece: calada a própria voz da Igreja, adentrou-se o silêncio.



(Padre J. Marino de Campos, O ESTADO DE S. PAULO, 1/XI/64)

"A ocupação pela União Indiana dos enclaves de Goa, Damão e Diu em Janeiro de 1961 significou um golpe mortal na política colonial portuguesa. Certamente, o processo de anexação pela força não era recomendável. Mas só a Portugal cabia resolver a questão de maneira pacífica, mediante um plebiscito ou a concessão da independência, únicos meios de prevenir com segurança o recurso à lei do mais forte. Não o fazendo, o governo português tornou-se culpado de todas as consequências que daí resultaram.

Inconformado com o desastre que não quis evitar, e desejando servir-se dele para explorar o sentimento patriótico de um povo sem liberdade de informação, Salazar vem alimentando uma campanha sistemática contra tudo o que se relacione com a União Indiana. É neste contexto que apareceu a entrevista do ministro Américo de Gouveia e outras apreciações divulgadas pela Missora Nacional de História e por jornais salazaristas.

(...) Apesar de não poucos sectores católicos portugueses estarem demasiado comprometidos com o passado da ditadura, é de esperar daqui em diante um acréscimo de actividade de oposição ao regime, já que os comunistas são uma minoria tão representativa de anti-povo como o salazarismo.

(...) Uma pergunta nos ocorre ao espírito: porque aceitou Salazar os inconvenientes políticos de se declarar em guerra com a Santa Sé, num tempo em que já enfrenta grandes problemas no campo internacional? O facto só é explicável pela necessidade que tem o governo português de um derivativo para afastar as atenções de um desastre bem mais difícil de dissimular do que o desastre de Goa, qual é o estado de miséria de densas camadas da população que vão abandonando o interior do país, num êxodo sem precedentes: as vastas zonas agrícolas, mal se descobre um ou outro velho que quira trabalhar nos campos; os homens válidos ou foram mobilizados para a ocupação militar da Guiné, Angola e Moçambique, ou partem diariamente para França, em grandes levadas, secunários pela proscuridade de alijados, sem que nenhuma vigilância policial tenha podido evitar a fuga. Existe, por outro lado, um ódio e uma sede de vingança recalcados, nos círculos oficiais, contra a Santa Sé, que se mostra cada dia mais inacessível às ideias absurdas do ditador. O não ter este sequer o bom senso de dominar um tão profundo ressentimento, prova que a ditadura em Portugal atingiu um grau crítico de cansaço de que dificilmente se recuperará..."

FRONTA ABACÃO DE ÉVORA

Perante as afrontosas declarações do governo, ofendendo gravemente vigário de Cristo, muitos membros da Igreja, entre o clero e os leigos, reagiram corajosamente, esboçando-se uma verdadeira "resistência". Facto significativo foi o de 4 párocos da cidade de Évora, que leram no domingo de Cristo-Rei uma homilia redigida em comum, na qual marcavam uma posição clara perante os acontecimentos. Tal facto valeu-lhes o serem chamados à FIDE em Lisboa, onde foram submetidos a interrogatórios, mas à sua atitude não foi indiferente a Santa Sé, conforme os documentos que se transcrevem:

- carta de Nunciatura Apostólica:

"Lisboa, 2 de Dezembro de 1964

Reverendíssimo Senhor

Sua Santidade, lembrando-se sem dúvida das palavras dirigidas aos Apóstolos: "Qui recipit vos, me recipit; et qui me recipit recipit cum qui misit me" (Mat. X, 40) e destas outras: "...si ut christianus, non erubescat" (I Pet. IV, 16), fez-lhe o don. da sua fotografia autografada.

Fezho a certeza que apreciará esta delicada atenção que, na sua pessoa, atinge também o fiel clero português.

Com os meus distintos cumprimentos, subscrevo-me de Vossa Reverendíssima

B. de Turstenberg  
Núncio Apostólico "

- Benção do Santo Padre o Sr. Paulo VI, na fotografia autografada enviada aos quatro padres da arquidiocese de Évora:

"Ao dilecto filho X..... pároco da Y..... de Évora, concedo os do voto e o coração a Nossa Benção Apostólica.

Vaticano, 19 de Novembro de 1964  
Paulus PP. VI"



ALGUMAS REACÇÕES NA IMPRENSA ESTRANGEIRA

- do diário católico YA de Madrid (23/1/64)

Viagem do Pastor Universal: " Com motivo no Congresso eucarístico, o Papa Paulo VI decidiu ir a Soebain. Será a segunda viagem de Paulo VI fora de Itália. Por isso julgamos desafortunada e sem base a queixa do ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal. Equivale a não admitir que o Papa é pastor de todos os homens. Tal como o seu homónimo, chamado "o apóstolo das gentes", Paulo VI quer demonstrar com a sua presença em Soebain a universalidade da Igreja. Não há nisso ofensa para ninguém, mas antes zelo apostólico por todos.

(...) Outra interpretação qualquer que vise intenção política na ida de Paulo VI à Índia desmerece as realidades, que são de natureza pastoral e religiosa. A melhor viagem papal à Palestina tão pouco teve razões políticas, mas sim evangélicas. Para o Virgílio de Cristo - e não se esqueça que nessa qualidade peregrinou Paulo VI à Palestina e peregrinará a Soebain. - não há adição de rapas nos pés de povos, senão antes a encaminhar sob o cajado do bom pastor. Não quer dizer com isto que não se reconheçam e apreciem os heróicos missionários que outros povos da cristandade evidenciaram para chegar pelo mundo e concretamente pelo território asiático a lei do evangelho. Ninguém discute a Portugal as suas glórias de nação missionária e civilizadora, pois tão pouco se deve discutir ao Vaticano o direito de se pôr em contacto com a sua grei".

- do diário católico Le Monde de Paris (23/1/64):

O Vaticano chocado com a atitude de Portugal: "As reacções portuguesas quando foi anunciada a viagem do Papa a Soebain chocaram profundamente o Vaticano, onde se supunha que um país que se dáia tão filialmente ligado à Santa Sé não seria capaz de fazer passar os seus interesses políticos à frente da missão de evangelização que pertence à Igreja. O Vaticano pode sentir-se chocado, com toda a razão, pelas declarações inegociáveis do ministro dos Negócios Estrangeiros português, Aranceogueira."

- Do semanário norte-americano THE MACHINE (4/XII/64) :

"Túria portuguesa"

"Mas toda a gente está tão contente com o Congresso como os 6.200.000 católicos indianos. A bordo o Presidente Sarvespalli Radhakrishnan e o primeiro ministro Lal Bahadur Shastri acolham o Papa em Bombaim, muitas entidades oficiais estão descontentes, pois Paulo VI recusou visitar Nova Deli. A viagem papal também não agradou a Portugal, que nunca perdoou à Índia o ter tomado a sua velha colónia de Goa em 1961.

(...) O governo português ficou tão ofendido com a visita papal que proibiu que os jornais ou revistas do país a mencionassem."

- De MISSIONATIONS CATHOLIQUES MISSIONAIRES (1/XII/64):

"Suspensão de uma revista missionária que falava do Congresso de Bombaim"

"As autoridades civis portuguesas lançaram a interditar, em 14 de Novembro, a revista católica ALÉM-LAZ editada pelos missionários conselheiros, por causa de um artigo publicado nessa revista sobre o Congresso Eucarístico de Bombaim. Igualmente ordenaram a suspensão da revista por tempo indeterminado.

(...) O artigo incriminado de ALÉM-LAZ não tem qualquer carácter científico ou político, escreve o "L'Avvenire d'Italia" (diário católico italiano de Bolonha). "Nela apenas se afirma que a Índia é o segundo país asiático por ordem de importância no mundo cristão. Não se fala no Congresso Eucarístico senão enquanto reunião de delegados cristãos para discutirem problemas relativos à vida social cristã. Este Congresso, diz a revista ALÉM-LAZ, "mostrará aos Indianos a vitalidade e o poder de convicção e a riqueza de seus ideais de raça e nacionalidade".

- Da revista italiana LUCA (13/XII/64):

"... quando decidiu visitar a Índia, os ministros portugueses passaram a fazer menos visitas aos bispos; e isto seria um insucesso, segundo os prudentes. Das milhões de pobres, na Índia, ouviam pregar a esperança, o direito a ter esperança; e isso é uma vitória, segundo Cristo."

LIBRO VI - LIBRO III - A VISITA A ROMA III

(Do discurso de 18 de Outubro de 1964, na canonização dos Mártires da Uganda. Texto cuja publicação foi proibida em toda a imprensa portuguesa.)

"(...) perante este despertar dos povos, sentimos crescer em nós a convicção de que é nosso dever, que se trata duma obrigação de amor a promover-nos em diálogo, o mais fraterno destes mesmos povos, manifestar-lhes a estima e o afecto que temos para com eles, demonstrar-lhes que a Igreja Católica compreende as suas legítimas aspirações, ajudá-los no seu livra e justo desenvolvimento pelas vias pacíficas da fraternidade humana, e permitir-lhes assim um mais fácil acesso, quando de bom grado o desejem, ao conhecimento de Cristo, o qual, nós acreditamos, constitui a verdadeira salvação para todos os homens e todo, e forma original e maravilhosa, assumindo todas as suas profundas aspirações. Mas é tão grande a força desta convicção que nos parece não dever recusar a ocasião que nos é oferecida, mais ainda, o convite instantâneo que nos é dirigido para ir ao encontro de um grande povo, no qual estamos de ver multiplicada a população inumerável de um continente inteiro, para lhe levarmos a Nossa mensagem sincera de fé cristã. Assim, AMAR-OS, Irmãos, QUE NOS ILUMINAMOS COM A LUZ DA VIDA DO EUANGELHO E DA MISSÃO DE JESUS CRISTO."

"(...) O Papa faz-se missionário, dizeis. Sim, ao emprender a caminhada, o Papa faz-se missionário, o que quer dizer testemunha, pastor, apóstolo. Sentimo-nos felizes por o repetir neste dia missionário mundial. A Nossa viagem, embora muito breve, muito simples e limitada a uma única cidade onde se prestará solene homenagem a Jesus presente na Eucaristia, quer ser um testemunho de reconhecimento prestado a todos os missionários de ontem e de hoje que consagraram a sua vida à causa do Evangelho, especialmente aqueles que, na esteira de S. Francisco Xavier, "implantaram a Igreja" com tanta dedicação e frutos inumeráveis em toda a Ásia e especialmente na Índia."

( Na Mensagem do Natal, em 21 de Dezembro de 1964, passagem estranhamente omitida em todos os jornais portugueses.)

"(...) Conservamos na alma a impressão extraordinária da Nossa recente viagem a Bombaim. Viagem inspirada por um fim religioso, como se sabe, mas que ao mesmo tempo se revestiu de incomparável valor humano.

Tomos como estrangeiro e peregrino a uma nação longínqua e desconhecida para nós. Teria sido possível permanecermos como mosteiros e isolados, unicamente rodeado pelos nossos irmãos na fé. Em troca, encontramos um povo. Um povo vastíssimo, um povo receptivo e transbordante que nos pareceu representar as inumeráveis populações da Índia imensa e com elas as da Ásia inteira. Uma população não católica, é certo, mas cortês, alerta, ávida de uma palavra e de um olhar do óptico visitante romano para nós árabes.

Lois Ben, o que houve foi um momento de compreensão, de fusão dos espíritos. Que usaram ver em nós aquelas multidões em respeito? Nessa hora saíram vãs nelas uma humanidade digníssima, penetrada de milenárias tradições culturais, nas todas cristãs, é certo, mas profundamente espirituais, e sob muitos aspectos boas e dignas de consideração, ao mesmo tempo antiquíssimas e jovens, hoje despertadas e dirigidas para algo que as próximas maravilhas do progresso moderno não podem dar e poderão até impedir.

Um sentimento de profunda simpatia nos confirmou então naquilo que o Cristianismo já há séculos vem dizendo e a evolução da civilização vem, lenta e gradualmente, reconhecendo e proclamando: todos os homens são irmãos. E tal ponto as relações entre os homens se facilitaram e multiplicaram que devem desembocar no amor. De tal modo se encurtaram as distâncias -- diríamos até suprimiram -- que o amor deve tornar-se universal; a noção do próximo, que já o Evangelho do Samaritano alargava para além dos limites convencionais, abarca a humanidade inteira: todos são o nosso próximo."



A "RESISTÊNCIA" NA IRELANDA NOROCCIDENTAL

"Vivas reacções nos meios católicos contra a hostilidade do governo à viagem do Papa"

De INFORMATIONS CATHOLIQUES INTERNATIONALES (15/XI/64):

"A oposição aberta do governo português à viagem do Papa a Coimbra provocou imediatas reacções nos meios católicos, preocupados em se desolidarizarem de uma atitude que não compartilham e muito ao contrário reprovariam publicamente se lhes fosse dada a possibilidade de se fizessem ouvir. No entanto, esses meios não representam toda a população católica do país, segundo um dos nossos correspondentes. "Os meios burgueses são violentamente contra o Papa e até há quem chegue a falar em cisma!..." Além disso um grande número de observadores notaram o silêncio dos bispos portugueses em Roma.

O primeiro documento que circulou é uma carta ao Sr. Salazar, presidente do Conselho de Ministros. Assinada por sete assistentes diocesanos de Acção Católica, cruz a data de 23 de Outubro. Houve depois, em 30 de Outubro, um telegrama ao Papa assinado por cinquenta leigos. Um destes, Manuel Viderra Almeida, antigo dirigente nacional do J.C.C. era preso na manhã de 31, levado para um interrogatório e só foi solto no fim da tarde. Apareceram ainda uma carta assinada por cinquenta e cinquenta leigos e dirigida a Mons. de Fürstberg, núncio em Lisboa, - uma carta ao presidente da República assinada por um grupo de padres, (27 de Outubro), - outra carta ao Sr. Salazar assinada por um grupo de padres da península de Setúbal (2 de Novembro)... Um texto redigido por um grupo de professores do Seminário dos Olivais para ser inserido no diário católico "Novidades" em 19 de Outubro, logo a seguir ao dia em que o Papa anunciou a sua viagem, não pôde ser publicado e foi difundido em cópias em 24 de Outubro.

Ademais-se que o ministro dos Negócios Estrangeiros, numa conferência de imprensa a 21 de Outubro, qualificou a decisão pontifícia de "excessiva gratuidade", "injusta e inútil", e isto em nome do "governo e do povo português". Tais palavras provocaram um "profundo desgosto" nos signatários dos documentos que acabamos de



9  
enumerar. Mais ainda, esses padres e casais leigos contestam radicalmente ao governo o direito a fazer-se porta-voz de um povo, que neste ponto, partilha no seu conjunto sentimentos completamente diferentes. Quizeram-se ainda do silêncio "indigno" que foi imposto à imprensa. Rectificam a interpretação política que se deu a uma viagem cujo significado religioso o papa tanto acolheu. Os signatários do primeiro documento apresentam ao Sr. Salazar "os seus protestos veementes", mais o texto do telegrama dirigido a Paulo VI por cinquenta leigos: "Como católicos fazendo parte do povo português, alegramo-nos com a decisão de Vossa Santidade de assistir ao Congresso Eucarístico. Este importante encontro manifestará a universalidade da Igreja e a sua presença no Terceito Mundo. Testemunhamos a nossa fidelidade à Igreja e aos princípios tão claramente expostos pelas encíclicas Mater et Magistra, Incaen in Terris e Muclosiam Quam, sem esquecer as palavras de Vossa Santidade na canonização dos mártires de Uganda." Juntamos então a estes cinquenta leigos, na sua maioria escritores, poetas, homens de negócios - membros da Igreja Católica."

- da The Catholic, semanário católico inglês (14/11/64):

"Em contraste com a oposição do governo português, a Igreja Católica preparou uma declaração aprovada à visita do papa Paulo VI à Índia, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional de Bombay. Um grupo de 172 pessoas, incluindo escritores e artistas, escreveram ao Núncio Apostólico opunho-se à atitude governamental. Um grupo de padres denunciou ao Sr. Salazar censurando o governo pela sua posição. Pouco tempo depois destes protestos a polícia prendeu o Sr. Manuel Ricardo de Almeida, dono duma editorial católica e membro muito conhecido do movimento operário católico".

- do diário italiano L'ESPRESSO (1/11/64):

"Lisboa, 31 de outubro - mais de cento e cinquenta intelectuais e homens de negócios católicos e outros segmentos militantes católicos enviará uma carta ao Núncio Apostólico em Lisboa, contestando a crítica feita pelo governo português ao papa pela viagem que anuncia fazer à Índia. Na mesma altura um grupo de sacerdotes enviou uma carta de protesto ao primeiro ministro Salazar. Trata-se da primeira divergência entre o Estado e a Igreja, nos trinta e cinco anos do regime de Salazar.

União Teológica da "Assistência"

"Como católicos portugueses fiéis à Santa Sé, não nos solidarizamos com as palavras proferidas pelo Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros na sua conferência de imprensa, sobre a ida de Vossa Santidade ao Congresso Eucarístico de Bombaim.

Com espírito de filial obediência pedimos a benção de Vossa Santidade."

(Texto de um telegrama ao Pap, assinado por 250 leigos do Porto).

Exmo. e Revmo. Sr. Núncio Apostólico

Os signatários, na sua qualidade de católicos e de católicas conscrítas da sua filial e entusiástica pertença à Igreja, dependentes de movimentos apostólicos onde normalmente exprimem e realçam essa pertença, sentem a necessidade de, numa ocasião que consideram grave, vir junto de V. Exa. a vir manifestar o seu desgosto pelas chocantes afirmações relativas à viagem de Sua Santidade a Bombaim, proferidas em seu nome, porque "em nome do povo português", pelo Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, na sua conferência de imprensa de dia 21 do corrente. Lisboa, 24 de outubro de 1964"

Assinaturas (172 nomes)

de uma carta ao Sr. Presidente da República, assinada por um grupo de padres de Lisboa, em 27 de outubro de 1964:

"Os abaixo assinados, todos do clero do Patriarcado de Lisboa, consideraram-se no dever de levar respeitosa e confiadamente a V. Exa. a expressão do seu profundo desgosto pela atitude do governo português, traduzida nas palavras do Ministro F. Hogueira na última conferência de imprensa e nas medidas ainda persistentes da Censura aos órgãos de informação, segundo a qual se interpretou como tendo carácter político de ofensa a Portugal um gesto de S. S. Paulo VI que além do seu exaltante e lídico significado religioso como índice da nova era missionária na história da Igreja, muito verdadeiramente e oportunamente devia ser encarado como expressivo homenagem do chefe da cristandade aos missionários portugueses..."

- De uma carta assinada por assistentes da Acção Católica de Lisboa e dirigida a Salazar (23/A/64):

... "Consideramos a reacção do Governo Português absolutamente injustificada e além disso ofensiva para Sua Santidade, pois pressupõe que os motivos que o determinaram não são de facto os que invocou, exclusivamente de ordem religiosa e intrinsecamente legítimos.

No nosso entender, estabeleceu-se uma relação entre o aspecto político e a atitude religiosa que, depois das inequívocas declarações do Papa Paulo VI, não tem qualquer razão de ser e permite supor um desejo subjacente de ver o espiritual ao serviço do temporal.

pelas razões acima expostas, os signatários, como católicos e como sacerdotes, decidiram apresentar a V<sup>ª</sup> Ex<sup>ª</sup> o seu veemente protesto."

### OS DOIS PODERES

"Quando de uma peregrinação de habitantes de Bérghamo a Roma, um notável de Sotto il Monte afoita-se a dirigir-se nestes termos a João XIII :

" É um facto que a cidade que viu nascer Vossa Santidade está desprovida, ainda, da maior parte das comodidades. Os peregrinos sentem-se lá pouco à vontade. \* Itam-nos, por exemplo, estradas alcatroadas. \* Bastaria, de certo, dizer uma palavrinha a uma rainha."

O Papa sorriu : "Como sabeis, há dois poderes neste mundo: Deus e César. que caminham a par, é uma coisa magnífica, que me enche de alegria. Mas que conecem a usar o "do ut des" (douto para que me dês), isso não, o Papa não pode admitir."

cit. di Xirenti do Papa João", pg.65





UMA VISÃO DO LUDO DO LINDO

com data de 6 de dezembro de 1964, foi distribuído em vários pontos do país um jornal impresso e ilustrado, com as únicas notícias desenvolvidas da viagem do Papa publicadas em Portugal. A origem clandestina, levava o título:

"LUDO DO LINDO" - número especial dedicado à viagem de Paulo VI a Bombaim."

Regozijamo-nos vivamente por esta publicação da qual transcrevemos o início do editorial:

"A nossa alegria pela presença do Papa em Bombaim é a alegria da Igreja inteira. Para lá das palavras que se têm pronunciado no Congresso Eucarístico, alegramo-nos com tamanha riqueza e o enorme alcance do gesto de Paulo VI. Decididamente, marcou um programa à Igreja na linha de maior exigência de fidelidade ao Evangelho para imitação de Jesus Cristo. Foi Deus, que através do seu Filho, tomou a iniciativa de vir para o meio dos homens a fim de restabelecer a unidade entre Deus e as criaturas. Com a ida a Jerusalém, em Janeiro deste ano, Paulo VI retomou os caminhos que conduzem a Jesus, para refazer a unidade dos cristãos. Com a ida a Bombaim, tomou os caminhos do próprio Cristo, para ir ao mundo, para se encontrar com os homens e os seus valores."

- Do diário de Londres THE TIMES (8/III/64):

"...muitas pessoas que foram à missa este fim de semana receberam um panfleto de quatro páginas sobre a visita do Papa à Índia. Tinha o programa completo e transcrevia várias declarações do Papa."

- De INSTITUTIONS CATHOLIQUES INTERNATIONALES (1/I/65):

"... Um grupo de católicos portugueses conseguiu finalmente redigir e imprimir em Espanha, e em seguida introduzir e difundir em Portugal, quatro páginas sobre a viagem de Paulo VI a Bombaim."

- No nº 2 de SAIS, órgão da Acção Académica (12/III/64):

"...perante a distribuição do jornal "Igreja presente" (porventura vindo de França, talvez da parte afecta ao jornal francês "La Croix"), tendo conhecimento de que em Coimbra cinquenta universitários católicos, depois de conungarem, saíram da Igreja de Santa Cruz aos P.R.Às ao Papa Paulo VI..."